

O MITO DE NARCISO E A PSICANÁLISE¹

ANA CRISTINA DE ARAÚJO VIANNA

Freud, durante a construção de sua teoria, em diversos momentos, utilizou-se de referentes da Mitologia Grega para embasar alguns conceitos por ele forjados.

Quando, no senso comum, falamos em mito muitos remetem ao entendimento de que “o que é mito, não é verdade”, como se houvesse claramente a oposição entre o mito e o conhecimento científico. Segundo Azevedo (2004), essa dicotomia já existia na Grécia antiga, quando Platão reprovava as fábulas (mýthoi), os relatos fantasiosos de Homero e de Hesíodo em defesa do discurso racional, filosófico ora em construção. Aliás, o discurso filosófico, se ergueu naquela época para defender a Verdade (alethê) contra o discurso mítico visto como falso (psêudos). Todavia a psicanálise, desde seus primórdios, buscou colocar essa oposição - linguagem mítica x linguagem científica – em questão.

Freud, desde *A Interpretação dos Sonhos* (1900), utiliza o mito como forma de reflexão e inspiração para a construção de seus conceitos acerca do funcionamento psíquico. (Azevedo, 2004).

A linguagem do mito guarda relações profundas com o funcionamento do inconsciente, uma vez que não há nela uma lógica linear, o mito é circular, é universal, aparece com diferentes nuances, mas com uma profunda similaridade em diferentes culturas, em diferentes épocas e fala sobretudo do que há de mais profundo no ser humano: sua estruturação e funcionamento psíquico. Além disso, na linguagem mítica, o significado jamais pode ser utilizado de maneira unívoca e fixa. O mesmo elemento pode conter em si significações de vida ou de morte, de amor ou de ódio. O antropólogo Lévi Strauss traz que uma das características da linguagem mítica é **a repetição** de algo que aparece nas diferentes culturas, nos diferentes tempos, sendo o ponto nodal dessa linguagem **a atenção a contradições e à sua superação**. Nesse aspecto, podemos perceber que “*nos mitos são recorrentes as questões como vida e morte; o mesmo e o outro; a diferença sexual; o perene e o transitório e assim por diante*” (Azevedo, 2004, p. 15).

A escolha de Freud por essas imagens míticas tem sua razão assim desvelada. Ele conseguiu captar a profundidade dessa linguagem universal e utilizá-la de forma própria na construção da teoria psicanalítica.

Posto isso, buscarei, a partir desse ponto, lançar um olhar sobre o **Mito de Narciso**, buscando descrever as relações construídas através da psicanálise.

“O nome Narciso (tema narkhé = torpor, como em narcótico para nós) já parece indicar o que sua existência significaria: sua beleza entorpece, atordoia, embaraça a todos aqueles por quem ela é vista. Mas também, por sua ascendência, Narciso tem estreita relação com a ideia de água, escoamento e fertilidade, por parte de pai, bem como mansidão, voz macia e leveza (por parte de mãe)” (Cabral)

Como todos os mitos, o de **Narciso** também tem diferentes versões. A mais conhecida é aquela narrada por Ovídio (43 a.C.-18 d.C.) no Livro *Metamorfoses* que conta que Narciso era filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope. Era tido como uma das mais belas criaturas existentes, e sua mãe, sabendo que não poderia haver competição com a beleza dos Deuses do Olimpo, buscou o oráculo Tirésias (o mesmo que profetizou sobre Édipo) para saber se Narciso teria vida longa, ao que o oráculo responde que sim desde que não viesse a contemplar sua imagem.

¹ Trabalho apresentado em jornada de psicanálise em 12/04/2014 no Círculo Psicanalítico do RGS.

As mulheres ficavam entorpecidas com sua beleza e buscavam conquistá-lo ao que ele respondia friamente. Uma bela ninfa Eco, costumava entreter com belas histórias Hera, a ciumenta esposa de Zeus, para que ele pudesse cometer suas infidelidades. Ao descobrir o ardil, Hera pune Eco de forma a que nunca mais pudesse enunciar uma fala própria e somente poder repetir o que fosse dito pelos outros. Mais tarde, Eco enamora-se do belo Narciso que a rechaça. Desprezada, Eco, escolhe uma montanha como seu leito de morte, de onde ouvem-se, desde então, seus ecos. Indignada, Afrodite intervém e pune Narciso com a maldição de que “possa ele próprio amar, sem jamais possuir o objeto amado; a amar um amor impossível”. O jovem Narciso dirige-se então a um lago de águas límpidas e, na busca de saciar sua sede, surge-lhe uma outra sede: “o olhar da bela forma que ele vê”. O jogo de engano no qual Narciso se enreda é resumido por Ovídio: “Ele ama uma esperança sem substância e crê que é substância o que é apenas sombra”.

Uma versão do Mito de Narciso, menos tradicional, oriunda do Poeta grego Pausânias, diz que Narciso teria uma irmã gêmea por quem se apaixonara e que viera a falecer. Narciso então admirava-se nas águas do lago como se estivesse diante da amada irmã morta e por deixar-se assim envolver por essa ilusão acabou por morrer nessas águas.

O termo Narcisismo, na psicanálise foi aproveitado de um trabalho de Näcke(1899) por Freud e em seu escrito “*Sobre o Narcisismo: uma Introdução*” ele mudou radicalmente o conceito de Ego, que deixa de ser apenas um lugar para dominar as pulsões e passa a ser um “objeto”, uma imagem, um vestígio de identificações passadas. (Perelberg, 2012). Freud postula que o ego passa a ser “fonte e objeto da pulsão sexual”.

Para Zimerman (2001) o conceito de **Narcisismo** – *o amor pela imagem de si mesmo* - tem sido aplicado com diferentes enfoques e vem evoluindo desde Hellis, que, em 1899, usou-o para identificar uma forma de **perversão**. Em 1910, Freud passa a usá-lo como um tipo de **escolha objetual** quando refere que os *invertidos* “*tomam a si mesmos como objetos sexuais (...) e partindo do narcisismo, procuram rapazes semelhantes a si mesmos a quem querem amar tal como sua mãe os amou*”.

O termo é também utilizado, a seguir (1911) como uma **fase evolutiva da psicosexualidade** aspecto que tem sido foco de muitas correntes psicanalíticas da atualidade que enfatizam a etapa primitiva da *fusão simbiótica* do bebê com a mãe, em um estado de *indiscriminação* e de *especularidade*; O **narcisismo primário** seria uma etapa evolutiva da psicosexualidade onde a criança investe toda a sua libido em si mesma, toma-se como objeto de amor antes de escolher objetos externos. Está inextricavelmente ligado à megalomania e o seu protótipo era o sono, um estado de perfeita bem-aventurança, soberania ou onipotência. Já o **narcisismo secundário** designa um retorno, um refluxo ao ego da libido retirada de seus investimentos objetais, na tentativa de reviver a sensação de bem aventurança outrora registrada mnemonicamente pelo bebê.

O termo pode ser entendido também como um **ponto de fixação das psicoses** (Schreber) bem como um **investimento libidinal** sobre o próprio ego (1914).

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud relaciona o Narcisismo a um tipo de **identificação**, em que o self, diante da perda de um objeto, transforma-se na imagem e semelhança do objeto perdido.

Kohut (1971) diz que um narcisismo **normal e estruturante** pode sofrer transformações sublimatórias em criatividade, sabedoria, etc.;

Green (2002, apud Perelberg, 2012) compreende o **Narcisismo como dual**: um narcisismo **positivo**, que visa atingir a unidade e um narcisismo **negativo**, que visa ao nada e aproxima-se assim da morte psíquica. Acredita em uma possível articulação do narcisismo com a pulsão de morte, uma vez que há aspectos do retraimento libidinal que vão na mesma linha do antierotismo envolvido no instinto destrutivo.

Zimerman (2001) ainda aponta que Grumberger (1979) identifica um narcisismo de **origem pré-natal**, que se constitui como uma permanente busca de retorno a um estado paradisíaco. O **estado narcísico**, também é apontado por Zimerman (2001) como uma possibilidade do narcisismo, e visa sobretudo, através de uma forma defensivo-regressiva, o enfrentamento pelo sujeito de sua sensação de menos valia diante de situações de desamparo.

Ainda Zimerman (2001 p. 278) sugere a conceituação de **posição narcísista** como sendo “um vértice de visualização do mundo das relações humanas a partir da condição fundamental de que ainda não se tenha processado a diferença entre o *eu* e *os outros*”. Essa posição tem as seguintes características: condição de indiferenciação, negação das diferenças; persistência de núcleos de simbiose e ambiguidade (ser o melhor ou o pior...) escala de valores baseada no ego ideal causando uma busca por objetos reasseguradores; constante jogo de comparação com os outros; idealização da onipotência e prepotência.

Rosolato (apud Perelberg, 2012) sugere características do Narcisismo traçando um paralelo com o mito de Narciso, tais como as que são apresentadas no quadro a seguir:

MITO DE NARCISO	NARCISISMO
Narciso rejeita Eco	Retraimento libidinal: perspectiva econômica e dinâmica
Ele descobre a própria imagem, ou, na versão de Pausânias, a imagem de sua irmã gêmea morta	Uma ênfase num relacionamento com um gêmeo ideal: abolição de qualquer divisão e separação, ataca a diferença entre interior e exterior, masculino e feminino, ego e objeto
Essa imagem idealizada dele mesmo o fascina	Idealização: indiferenciação entre idealização do ego e idealização do objeto
Ele fica aprisionado em sua esterilidade e impotência, entre a vida e a morte	O duplo vínculo que cria na mente um dilema impossível = impasse impossível imposto pela existência do objeto

Percebe-se claramente a profundidade da linguagem mítica e o quanto ela é adequada para subsidiar a psicanálise em suas reflexões sobre a psique humana. Podemos ver o Mito de Narciso na ótica do mesmo e do outro, conforme sinaliza Azevedo:

na busca do outro, busca-se o que falta a si mesmo, busca-se a reparação ou ortopedia da falta, em última instância, a perfeição do Todo. O que o mito erótico de Narciso sublinha, em cores trágicas, é que essa busca pela completude passa necessariamente pelo outro, mas por um outro não mais tomado como tal, mas reduzido a uma imagem de si, a um reflexo (...). Ao invés do jogo amoroso da reciprocidade, Narciso põe cruamente em jogo a lógica da reflexividade, da confluência sobre si de sujeito e objeto, encerrando-se em uma circularidade mortífera (Azevedo, 2004, p. 33).

Há muitos caminhos a serem percorridos para o entendimento da psicanálise, todavia percebo que o aprofundamento do conhecimento dos mitos é um caminho com conexões de ancestralidade riquíssimo em possibilidades.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, ANA VICENTIN de. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, SIGMUND. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição Standad Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERELBERG, ROSINE JOSEF et alii. *Freud: uma leitura atual*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZIMERMANN, D E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.